

O PYRILAMPO.

JORNAL LITTERARIO, COMMERCIAL E NOTICIOSO.

EDICTOR, J. P. LOPES.

REDACTORES--DIVERSOS.

Publica-se á 1 e 15 de cada mez, na typographia do *Despertador* e subscrive-se nesta cidade da Laguna, a 20000 por trimestre pagos no acto de assignar. Serão aceitos, e terão publicidade *gratis*, todos os artigos litterarios e os que tratarem de interesse geral do municipio ou da provincia em geral. Não se recebem correspondencias sobre assumptos particulares.

O PYRILAMPO.

LAGUNA 1 DE OUTUBRO.

O destino deste municipio, como o de toda nossa Provincia, está ligado inteiramente á sorte da lavoura mais do que á qualquer outro ramo de trabalho do homem.

Da industria podemos nós esperar muito algum dia, é entretanto na cultura de nossas terras tão fecundas, que assenta o progresso e adiantamento desta porção do paiz, pois que todas as condições naturaes favoraveis nesse sentido, distribuiu a natureza com larga mão em Santa Catharina.

Não tem sido porém tal o cuidado na lavoura, como parece que ella reclama da parte das administrações e dos proprios lavradores: se os administradores occupados com os trabalhos do serviço publico tem tido a attenção distrabida para longe deste ponto, — não cabe igual desculpa aos que tiram sua subsistencia da cultura das terras. —

Dos centros, nas cidades se julga apenas do que vae pelo interior segundo o resultado material que lhes vem ás mãos; — é a maior ou menor copia de producto de um districto ou territorio que faz ajuizar de sua prosperidade e do estado de sua população — juizo improficuo, a não ser para o commercio geral, que só pôde com sua influencia indirecta pedir ou indicar algum melhoramento mas nunca remover os obstaculos que elle encontre.

E' por tanto a vista, a propria inspecção que nos dá pleno conhecimento das povoações do nosso interior, e só aquelle que o tem percorrido examinando as

diferentes condições territoriaes, os meios de communicação, e todos os demais recursos de que dispõem os povos, poderá com proveito estudar as necessidades das diversas localidades.

E' assim que diremos quanto pezar nos acompanhou sempre por todo nosso caminho quando ultimamente percorremos a parte sul desta provincia.

Nas povoações assentadas beira-mar sem outra razão de ser, além do acaso, ou si muito a conveniencia momentanea e individual que naquelles tempos determinaram a fundação dos povoados, o cunho da decadencia se manifesta bem estampado na pobreza, inercia e desolamento de seus poucos habitantes: passaram as circunstancias fortuitas que lhes deram nascimento, não encontraram em si condição de subsistencia, vão desaparecendo — apezar mesmo de alguma tentativa para prolongar-lhe a duração. Fóra destas povoações na mesma zona, pela encosta do mar, igual miseria e desanimo, sendo bem notavel a differença si de qualquer destes pontos marcharmos entrando para o centro do paiz: — ha uma ideia que resalta facilmente d'aqui, — parecendo que onde quer que o commercio chega, onde se acha para comprar e se tem certa a venda, ahí não se demora a lavoura que recua progressivamente pelos despovoados deixando lugar á industria. Bem fóra si o commercio favorecido e animado conservasse nesses lugares seus emporios regulares, mas o systema erradio da navegação junto a tantas causas poderosas que tem occorrido, deixam a lavoura isolada depois de a afastar dos centros. Por tal arte sequestrada, a lavoura, a quem a falta de estradas para-

lysa difficultando a sahida do producto — cahe em desanimo e por sua vez fere de morte o commercio que nella tem sua fonte principal de vida.

Os lavradores desacoroçoados pelas contrariedades com que lutam, ainda além dos trabalhos proprios da profissão, não vendo recompensados seus esforços e diminuindo de dia para dia os meios de resistir áquelle decrescimento de lucro — entregam-se ao abandono e esperam do tempo que o acaso lhes traga algum remedio. Contando pouco com o resultado de seu trabalho, o encurtam e reduzem, temerosos de grandes prejuizos; acanhados por a falta da animação que lhes trazia o lucro, nada emprehendem e limitam seu esforço a alcançar simplesmente a subsistencia, constrangendo-a muitas vezes. Tal encontrámos em geral a agricultura comprimida e inerte por toda parte onde passámos; sentiamos nós dobrado por vêr quanto se podiam tornar opulentos e abastados os homens, como se desenvolveria o crescimento dos povos desses lugares, e de que somma de recursos não se acharia a Provincia toda dispondo, com o progresso e elargamento da lavoura. Neste municipio os elementos para tal prosperidade são em tão grande profusão que a despeito de todos os embaraços fazem avultar nas reudas da Provincia o seu contingente: as margens fecundas do Tubarão e do Araranguá té o Mampituba são mananciaes inexgotaveis que com prodigalidade recompensam qualquer esforço da lavoura.

E' d'onde vem o desanimo? Porque esmoreceu o genio de empresas vastas? A escassez de occasião não nos permite responder quanto fóra preciso a esse ponto, sómente diremos que entre as in-

numeras causas do atrazo e amesquinamento da nossa lavoura, convém muito discriminar a ordem de cada uma não confundindo o que diz respeito á administração com as causas nascidas de circumstancias exteriores nem com os vicios proprios no systema da agricultura.

Não deixaremos esquecer nunca o mal que nos legou o passado com o estabelecimento a êsmo e sem a menor ideia de futuros desenvolvimentos, das habitações e dos aldeamentos—nem ainda a triste mas fatal quebra que todo o paiz soffreu com a diminuição dos braços escravos não suppridos pelos livres — são porém esses, motivos que obram com lentidão e a que com o tempo que lhes traz remedio, muito poderia pôr cõbro o espirito animado dos novos lavradores. A maior e mais repetida reclamação, como se d'ahi sómente resultasse a salvação da lavoura, tem sido as estradas e meios de comunicação, que em verdade por seu estado ou antes falta, põem tão forte obstaculo que faz parecer a unica necessidade do paiz.

Porque não acode o governo a ellas com a boa vontade que tem? Facil é sabel-o desde que se lançar a vista para as rendas Provinciaes. Ora, a não reflectirmos em nada mais, nos achariamos condemnados a uma quebra infallivel pelo circulo vicioso desse raciocinio incompleto: decabe a lavoura por falta de estradas—faltam estradas por mingoa de rendas, e estas por o estado da lavoura!

Apertado assim lança mão o desanimado de outra desculpa e a baixa do seu producto, o nem um preço que obtem, lhe explica seu estado precario. Mas não cuida em remover tal embaraço: não são férteis suas terras? Não se prestam a outro genero de cultura? Não produzirão senão farinha? Se sabeis que ella vos não recompensa o labor, porque a plantais? Comprais todo o vestido — e todo o alimento e para tanto só produzis farinha; desembaraçai-vos dessa tã, ella vos não occupa os dias todos do anno e vos dá muito tempo para poderdes alcançar outros productos certamente com muito menos trabalho. Então não vos achareis mais na triste contingencia da superabundancia do genero no mercado, e, sustentando melhor o commercio que vive de vós, o fareis animar-se tambem e assim fornecer pelas rendas ao Governo, os meios de vos ajudar com toda facilidade revertendo ainda a final em vosso proveito, aquelle

bem que em todo seu giro foi produzindo seu effeito salutar té vir de novo á sua origem, para crescer depois mais avultado e sempre seguro.

O nosso municipio muita attenção merece da parte da administração, porém é necessario tambem que a lavoura não conte sómente com a fome do norte.

NOTICIARIO.

Fomos obsequiados pelas Redacções do *Despertador*, *Mercantil* e *Desterrense* com as suas folhas.

Cordialmente agradecemos essa attenção aos illustres Edictores.

Lemos no *Desterrense* e *Mercantil* haver sido criada a 2.^a divisão da Companhia de Aprendizizes marinheiros, e que para esse fim já vierão no Vapor *Brasil* o commandante Greenhalgh e mais officiaes.

Regozijamo-nos por essa noticia, e esperamos obter um grande beneficio com a criação dessa Companhia nesta Cidade.

A mala da capital que devia aqui chegar no dia 20, falhou, para a boa regularidade do Conductor.

Em compensação recebemos os jornaes por um hiato entrado neste porto.

Consta-nos que a casa que servia de Hospital nesta cidade, acha-se concertada, e que brevemente vai se abrir de novo.

Rogamos aos assignantes desta Cidade, sirvão-se por obsequio procurar as suas folhas uma hora depois da chegada do Correio, em casa do Edictor, para não haver demora na entrega.

Falleceu á tempos na Freguezia de N. S. da Piedade do Tubarão, um individuo por nome Leandro Fernandes, e como houvessem boatos ácerca da morte do mesmo, o Delegado e Subdelegado desta Cidade forão ao lugar averiguar o facto, depois de citadas as testemunhas, umas deposerão a favor, outras contra o Sr. João Antunes, reputado auctor do crime. Neste ponto marchavão as cousas, quando o mesmo Sr. Antunes requereu exumação e autopsia no cadaver de Leandro. Nomeados peritos, partirão estes em companhia do Delegado a 25 do corrente, e a 26 teve lugar a exumação e autopsia, por onde se chegou a concluir, que Leandro Fernandes fallecera em consequencia de uma congestão pulmonar.

Continuão as indagações policiaes.

PARTE LITTERARIA.

Reflexões.

A. M. F. S.

Nossa vida é uma estrada espinhosa e toda cheia de precipios e atalhos por onde caminha e perde-se o viajante.

E' um mar sem fundo, em que as ondas impellidas pelo vento, se tornão impetuosas, e fazem com que naufraguem muitos bateisinhos, que afoitamente se expõem ao ludibrio d'ellas. E' um jardim cheio de flôres que pouco a pouco vão emmurhecendo, e outras mortas pelos vendavaes, e pelas mãos das creaturas, torna-se despido. E' o cantico do passarinho que alegre no raminho, elevando o seu hymno á Deos, é morto repentinamente pelo imprudente caçador.

E' finalmente um labyrintho em que entramos ao nascer, e que só podemos sair quando entregamos a alma ao nosso Creador, auctor deste mysterio.

Representamos neste grande theatro, o que chamamos—mundo, pomposos, dramas, e jocosas comedias; cada qual desempenha o seu papel, conforme lhe apraz. Os homens de sentimentos e corações bem formados, cobertos de andrajos, mendigão de porta em porta á restituição da sua honra e credito que se lhe roubára, e não ha uma só alma que se commova por essa supplica tão justa, e lhe diga: eu te a restituirei! Não; a Sociedade não toma conta desse infame proceder, ainda abomina e detesta a essas excellentes creaturas! Os homens malvados, que tem estampado em sua fronte carrancuda o stigma de ladrão da honra de seus semelhantes, porque já á muito que perdera a sua; sem consciencia, e acanhamento, procurão ter uma posição pelo oiro para cometer infamias, e praticar immoralidades. A esses homens, de braços abertos recebe a sociedade, e os acolhe com benevolencia! Eis aqui o gremio para que fomos nascidos! Eis aqui a corrupção em que vivemos, e que somos obrigados a partilhar! Infelizes d'aquelles que professão sentimentos nobres; infelizes desses que pelos serios estudos que tiverão, reconhecem os defeitos infinitos da sociedade! Sem honra, do que val a vida, quando ella é morte, quando um nome é nada, quando a gloria é pó! Um sorriso prasenteiro apparece nos labios dos que arrimados no bordão da esperanza, buscão attingir o seu desideratum.

Que engano, meu Deos! A esperanza é sómente um balsamo consolador, que no

meio de um montão de nuvens caliginosas, não nos é dado perceber. O sorriso é como o brando Zephyro que d'aqui á momento está bem longe! A nossa vida é bem curta e passageira, e bem cheia de dissabores. E' um abysmo que não se pode sondar. E' finalmente um mysterio de nosso creador, da infinita e divina intelligencia!

Laguna 10 de Junho de 1864.

L. P. J.

Recordações de uma tarde no morro do moinho.

A' L. P. A.

Era tarde, o só já prestes á occultar-se por traz dos pinos morros que circumdão a bella e pittoresca Cidade da Laguna, expandia os seus ultimos e frouxos reflexos. Os colleiros e canarios pousados nos galhos das amoreiras e goiabeiras desprendião os seus gorgeios maviosos em saudação ao rei dos astros que triste nos deixava.

Ea estendido sobre a relva que tapissava a planicie que faz á roda do moinho, contemplava abysmado a natureza, e apreciava o lindo panorama que se apresentava magestoso aos meus olhos!

Os meus alumnos que em minha companhia haviam ido, contentes dispersavão-se por entre os silvados, e entretinhão-se em apanhar fructos agrestes.

Trazia comigo as melodiosas e tristes poesias do muito digno poeta—Casimiro de Abreu; abri a pagina em que continha a canção do exilio, e li com todo extasi de minha alma; a cadencia e harmonia dessa poesia, fizeram despertar em meu coração gratas recordações de meu torrão natal e de minha presada mãe!

Fechei o livro porque as lagrimas involuntariamente se deslisarão pelas faces, fechei esse thesouro apreciado, porque a dôr que me opprimia o coração me vedava de penetrar nos sublimes e tristes pensamentos desse sempre chorado poeta! Bem vindas minhas lagrimas, precisaveis de vós, tardaveis tanto, dice eu levantando-me e lembrando-me de Castilho — no Ciúme do Bardo!

Pensando que as emoções que senti dentro d'alma me proporcionasse algumas inspirações, tirei da algibeira um lapis, e um quarto de papel para descrever as recordações dessa tarde, nesse aprasivel morro. Algumas linhas já havia traçado, quando tolhido pela grande oppressão de meu coração e saudades de minha querida mãe, deixei cahir o lapis com que escrevia, e levantei-me.

Descrever o que nesse momento sentia, me é impossivel, apenas me é licito dizer: Triste do filho que ausente de seu ninho vive por lugares longinquos, onde sem parentes e conhecidos de sua familia geme e suspira por esse tempo infantil. Triste do filho que préza tanto a vida d'aquella que lhe dêra o ser, e que tendo noticia do estado perigoso de sua saude, não pôde immediatamente correr para receber a sua benção.

Era isso a causa de minhas lagrimas, era o motivo da emoção que me tolhia.

Levantei-me desse lugar, e fui sentar-me perto de dois amigos que tambem ahí gozavão da bella tarde e lhes transmitti os meus soffrimentos. Erão cinco horas, os meus alumnos achavão-se já junto de mim; despedi-me desses amigos, e retirei-me desse grato lugar.

Descia o morro, tendo gravado em minha mente o nome de minha mãe, dessa que me amamentára em seus seios, e me emballára cantando. Cheguei em casa, e meus labios ainda balbuciarão involuntariamente—minha mãe. Despedi os meus alumnos, e á sós fiquei engolphado em meditações; depois, uma especie de lethargia veio pôr termo ás recordações que sentia, e de novo despertando exclamei—minha mãe!

Laguna 1 de Junho de 1864.

L. P. J.

Espinhos e Abrolhos.

A' I. P. Motta.

Jasminas a rozas erão as flores que tapissavão o jardim que outr'ora eu cultivava, cujos odores perfumavão a crença que em minha imaginação existia. Espinhos e abrolhos são hoje o ornamento desse jardim! Um porvir de glorias eu sonhava, quando a mais caliginosa nuvem veio pôr termo esse sonho de esperanças! Era junto de minha mãe, alimentado pelos seus ternos carinhos que eu gosava de um doce passatempo sem me recordar dos agros dissabores que ora passo. Era circulado de meos caros parentes que eu brincava, e tiuba nos labios um sorriso divinal que me annunciava uma aurora magestosa.

Hoje porem como a triste rolinha longe do ninho, e do caro esposo, geme e suspiro a minha patria, e o lar paterno onde recebia educação, onde a infancia passei tão alegre!

Tristezas e amarguras são hoje as emanções que fruo, e já á muito que a esperança que me alimentava no mundo é toldada por um monão de negras nuvens, que não me he dado divisál-a. Por uma

estrada espiãhosa e tão cheia de precipícios, eis-me caminhando passo á passo até que chegue ao destino por Deos designado. Semelhante ao inconstante beija-flór, e succando as flôres adocicadas, assim paira nos meos labios o riso.

Existe no fundo do meu coração um sentimento que por vivas emoções me he manifestado.

No esplendido saráu onde reina o maior prazer, a mais pura harmonia, onde as gallas, concertos e damas embellesão o salão, eis que esse sentimento apparece para pôr termo ás delicias que gosava, engolphando-me na mais profunda melancolia. Minha alma como que sentida, detesta immedia'amente tudo!

O salão ornado de galla, agora me parece triste, as luzes que o illuminava estão mortuarias, os concertos que aos meos ouvidos chegavão tão harmoniosos, são lugubres, finalmente tudo que antes me extasiava, ora me aborrece. A minha vida é um jardim sem flôres, é um mar sem fundo onde o meu batelsinho tem naufragado tantas vezes, é uma serie de risos após de prantos, é finalmente — Espinhos e Abrolhos.

Laguna 13 de Maio de 1864.

L. P. J.

CHRONICA LAGUNENSE.

Tocou a minha vez, e como—une fois n'este pas coutume—eis-me no morro do moinho, lançando as minhas vistas para a Cidade, a fim de descortinar alguma cousa; eis-me á meia hora parafusando a vêr se busco uma ideia para começo da espinhosa missão que me acho encarregado. Oxalá que me fosse dado bellos pensamentos para collorir como desejava a presente chronica, porém quem nasceu para dez-reis, não chega a tostão. O que é isto?... querem vêr que fico em trinta e não faço trinta e um?!

Ora Deos queira que não. Desenvolva-se Senhor chronista, desenvolva-se, está a tanto tempo á pensar? Ah!... S. S.* pensava que a chronica era negocio de criança?! nada; a cousa é seria e bem seria. O Pyrilampo não quer senão seriedades (e com muita razão) porque as verdades devem ser manifes'adas com toda circunspecção.

Circunspecção?!... Ah, ah, ah, ah, ora deixei-me rir, porque cousas ha que despertão riso.

Ora já virão como appareceu o Pyrilampo tão sisado?! Porém á proposito; sabem o que é o Pyrilampo?!

Um insecto phosphorico que só nas trevas pôde fazer luzir o seu fogo ephemero, um grão de areia no immenso oceano, um orgãosinho que não se faz ouvido.

Eis a ideia que faço do *Pyrilampo* que, brevemente tem de desaparecer, porque me parece impossivel que a sua luz por muito tempo brilhe neste torrãozinho.

E' um periodico (como dizem por aqui) que tem de baquear pelo nobre fim com que foi criado.

Ora se assim é, deixemos de seriedades e a Redacção prescindindo dessas eliquetas, permitta que eu dê principio desta vez a chronica pela seguinte forma:

Acho-me, como já disse aos leitores, no morro do Moinho, meditando e escrevendo a chronica, porque é aqui o melhor lugar que temos para as observações e recordações do passado, presente e futuro. Começemos.

Foi com effeito á scena o drama—o Monge da Serra d'Ossa—no dia 7 do presente pela Sociedade Dramatica Particular—Sete de Setembro—não sei se por falta de ensaios ou porque os socios andem muito distraídos, houverão os seus espicharetos.

Que se sabe se isso foi devido a caterva de meninos que se achavão sentados nos bancos da frente fazendo uma algazarra que ninguem podia ouvir o que em scena se dizia.

Talvez; mas isto é muito mal feito, porque não precisamos de duas orquestras no theatro, uma de instrumentos e outra de vozeria de crianças que não obstante terem presentes os seus pais, tornão se insupportaveis. Admirei-me na verdade vêr esse bello desenvolvimento, (indicio de desobediencia, pouco respeito e attenção) em um espectáculo particular, unico entretenimento que temos neste lugar.

A embirração de levarem á scena dramas de eschola antiga, continúa.

Os apologis'as da eschola moderna são raros; ha pessoas que vão ao theatro unicamente para apreciarem o vestuario, o scenario, o barulho que embellesão esses antigos dramas, e sabem d'ahi sem saberem o que virão e ouvirão.

Falla-se em uma nova Directoria. Deos queira que os eleitos acceitem, e nos proporcionem algumas recitas, em as quaes se representem dramas proprios para o nosso theatro e forças dos jovens que se considerão socios da scena.

Graças ao Creador que já temos concluido as eleições debaixo de paz e har-

monia, tanto nesta Cidade, como nas Freguezias.

Espero com anciedade o resultado da eleição de Araranguá, para saber quaes sãos os Vereadores eleitos.

Deos lance as suas benignas vistas sobre nós, afim de que a nova camara seja mais zeladora, que a passada, que o Excellentissimo fiscal seja compensado pelo seu zelo e energia, e que finalmente haja accordo e ideias para desta fórma vermos o progresso á par da moral.

Desenvolveu-se além da epidemia—de-fluxo—uma outra de Rifas que tem sido um Deos nos acuda!

Porque a Sinhá Quininha tem um Cachiné da antiga moda, o Sô José um relógio pessimo, o Sô Francisco um cavallo manhoso e sendeiro, eis que apparecem os Lilhetes. Já não sei como me hei de vêr livre de semelhante contagioso mal.

Desejo que os Leitores me informem se pode haver mais de 4 Juizes de Paz; porque um dia desses vi em uma certa rua na porta de um mestre sapateiro uma tableta de papelão, escripto a Zarcão (para se tornar mais visivel) o seguinte: —Juiz de Paz—O homem tem dado o cavaco com isso, e não é para menos, porque ha certas graças, que não são graças.

Voltando eu para casa em uma dessas tardes, de um passeio que fiz ao Magalhães, encontrei-me com um individuo muito zangado por ter sido eleito vereador.

O que tem, mestre, (pergun'tei-lhe eu) porque está tão zangado?

—Sahi vireador por um voto (respondeu-me elle encolerizado) e como me chamo Macha-Bomba tenho de servir para regar as ruas que já por natureza são regadas.....

Bas'a de maçada por esta vez, unica que me coube a chronica, e como me acho no morro do moinho, desço apressado afim de recolher-me á casa, porque o vento sul está fortissimo, e eu estou bastante incommodado.

Laguna 28 de Setembro de 1864.

O Chronista.

MOVIMENTO DO PORTO.

NOTA DAS EMBARCAÇÕES DESPACHADAS E ENTRADAS NESTE PORTO DESTA CIDADE DESDE O DIA 14 ATÉ HOJE 29 DE SETEMBRO DE 1864.

Despachados.

Para o Rio de Janeiro

Patacho—« Wanzeller ».

Idem—« S. Manoel ».

Idem—« Alegre ».

Idem—« Santo Antonio ».

Hiate—« Lagunense ».

Para Santa Catharina.

Hiate—« Novo S. João ».

Idem—« Nova Fortuna ».

Idem—« Maria José ».

Idem—« Santo Antonio ».

Idem—« Garopaba ».

Idem—« Sandoval ».

Idem—« Sem igual ».

Idem—« Sant'Anna ».

Entradas.

Do Rio de Janeiro.

Patacho—« Gentil Americano ».

Sumaca—« Joven Paulistana ».

Hiate—« Bezerra ».

De Santa Catharina.

Escuna—« Conceição de N. Senhora ».

Hiate—« Santo Antonio ».

Idem—« Sandoval ».

Idem—« Maria José ».

Transcrição.

Prós e contras, verso e avverso de muitas cousas deste mundo.

(Continuação do n. 2.)

A virgem deve ser como a estrella, que brilha no céu para nosso encanto; mas não deve ser como a estrella, que se despenha do céu e se apaga na terra.

O jornalista deve ser como a lagarta, que vive das folhas; mas não deve ser como a lagarta que só produz seda.

A mulher deve ser como a andorinha, que esvoaça sempre junto do seu ninho; mas não deve ser como a andorinha, que viaja de paiz em paiz, abandonando os seus velhos ninhos, e com elles a sua patria e a de seus filhos.

O musico deve ser como o gallo, que nunca deixa de cantar; mas não deve ser como o gallo, que briga com os outros gallos.

A actriz deve ser como o papagaio, que só falla o que se lhe ensina; mas não deve ser como o papagaio, que falla tudo quanto ouve fallar.

O militar deve ser como o leão, forte entre os fortes e generoso entre os pequenos; mas não deve ser como o leão, que sacia a sua sede no sangue de seus inimigos.

O bemfeitor deve ser como o vento, que passa sem ser visto, não deixando comtudo de ser sentido; mas não deve ser como o vento, que faz estragos por onde passa.

A mulher deve ser como a cigarra, que canta para se distrahir; mas não deve ser como a cigarra, que não sabe fazer mais do que isso.

O pobre deve ser agradecido como o cão, que beija a mão que o afaga; mão não deve ser como o cão, que ladra a quem lhe não dá pão. (Continúa.)

Desterro. — Typ. de J. J. Lopes, rua da Trindade n. 1.